

Modelados e geografia

Os modelados da Terra podem ser considerados como o assunto mais original da geomorfologia, ciência que parece dividida entre a geografia e a geologia. A sua situação é tanto mais desconfortável quanto, em nome de uma certa geografia cujo assunto é o estudo das produções e da organização do espaço pelo homem, é rejeitada como ramo tradicional da não menos tradicional geografia física, enquanto é integrada cada vez mais naturalmente na geologia. Além de que, actualmente, muitos geólogos praticam a geomorfologia melhor que muitos geógrafos. Todavia, os modelados permanecem o domínio contado onde o geomorfologista trabalha sobre uma matéria que fica no âmago da sua especialidade.

Os modelados da Terra orientam as pesquisas em geomorfologia para quatro vias principais.

A geomorfologia, e mais geralmente a geografia física, ocuparam durante muito tempo um lugar eminente na pesquisa geográfica. Esta primazia era resultante das descobertas que, graças à geomorfologia, permitiam o estudo do modo como se formaram os relevos e o estudo dos modelados e dos paleoclimas, e mais recentemente a descoberta da evolução holocénica e actual suscitada por uma procura social preocupada com planeamentos e riscos maiores.

Todavia, esta preeminência desapareceu por várias razões. Certas noções, como a do ciclo de erosão, são cada vez menos verificadas porque a neotectónica*, isto é, os movimentos da crosta terrestre que envolvem mesmo os modelados e formações geológicas do Quaternário recente (menos de 20 000 anos BP), aparece como omnipresente e activa. A noção de erosão normal, com fundamento na erosão fluvial, já não tem a adesão de muitos dos geomorfologistas que verificam, através do mundo, a diversidade da acção dos agentes de erosão.

Vários eixos de pesquisa foram reactualizados pela geologia, que soube utilizar as noções fundamentais da evolução do relevo e da superfície de erosão poligénica e policíclica para explicar as fases orogénicas* e as lacunas ou as discordâncias da sedimentação.

Na abordagem dita espacial da geografia, o sistema de estrutura do espaço, constituída por áreas de influência de sistemas de actividades humanas entre si, fez esquecer muitas vezes a existência de meios geográficos enriquecidos por uma componente natural.

Certas orientações da geomorfologia actual mostram, todavia, a vitalidade desta. Uma das suas novas vias tem por objecto o estudo dos sobressaltos da Natureza que são as crises morfogenéticas. Estas últimas engendram modelados por vezes caóticos, como os desabamentos, as avalanchas, os deslizamentos de terreno ou os lahars*. No intervalo entre duas crises instalam-se, pelo contrário, períodos de pedogénese, de modelação dos leitos fluviais, de aluviamento fino. Estes períodos de calma são sequências morfológicas. Crises e sequências são a trama da evolução climática, em particular no Quaternário.

A noção de limiar é um tema abordado cada vez mais frequentemente porque está associada ao de risco. Com efeito, as crises provêm de mudanças decisivas, a nível dos mecanismos morfogenéticos. Quando os valores habituais de um fenómeno são ultrapassados, é transposto um limiar. Por exemplo, os ravinamentos sobre uma vertente intensificam-se com precipitações cada vez mais fortes. Se estas ultrapassam um certo limiar, produzem-se correntes lamacentas e a base da vertente é colmatada por uma quantidade pouco habitual de aluviões e de coluviões grosseiros. Os valores destes limiares podem ser modificados pela intervenção humana. O excesso de urbanização provoca a impermeabilização de vastas áreas e, por conseguinte, o aumento dos débitos e da velocidade de propagação das cheias. A prevenção destas crises necessita de obras cuja realização pode apelar para os geomorfologistas.

Deve também mencionar-se a geomorfologia que se ocupa de morfometria dos relevos, com o desenvolvimento actual da geografia quantitativa, assim como do estudo das medidas da erosão, graças, em particular, a parcelas experimentais de terreno ou a estudos em laboratório. Os modelados são também o objecto de representações cartográficas pormenorizadas nos mapas morfológicos, úteis para os pedologistas, os ecologistas, os botânicos, os geólogos e os técnicos do ordenamento do território. Elas fornecem informações sobre a dinâmica erosiva actual, sobre os modelados, sobre a espessura das formações superficiais e sobre a evolução dos relevos.

Abordamos assim a parte da geomorfologia aplicada associada a temas contemporâneos como a erosão das terras aráveis, o estudo da dinâmica das vertentes, as mutações litorais e os riscos maiores. É então possível inserir jovens morfologistas em programas sobre essas questões que têm a ver com o meio ambiente. O assunto do estudo do meio ambiente diz respeito, com efeito, às relações entre os grupos humanos, com as suas actividades, as suas culturas, as suas relações e o meio onde vivem. Inclui então, como já mostrámos, pesquisas sobre os modelados nos programas de valorização ou de reabilitação das paisagens.

EROSÃO E PAISAGENS NATURAIS / JEAN RISER ; TRAD. ANTÓNIO VIEGAS

AUTOR(ES): Riser, Jean; Viegas, António, trad.
PUBLICAÇÃO: Lisboa : Instituto Piaget, 1999
DESCR. FÍSICA: 127 p. : il. ; 21 cm
COLECÇÃO: Biblioteca básica de ciência e cultura ; 64
NOTAS: Tít. orig.: Érosion et paysages naturels
ISBN: 972-771-135-9